

Grupo Operacional UNDERCORK: que passos foram dados no conhecimento da cobrilha da cortiça?

Autores: Conceição Santos Silva¹, Edmundo Sousa², Pedro Naves², Manuela Branco³, Maria da Conceição Caldeira³, Pedro Miguel Pereira⁴, Carlos Godinho⁴, Teresa Afonso⁵

¹UNAC – União da Floresta Mediterrânica

²INIAV – Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária

³ISA – Instituto Superior de Agronomia

⁴UE – Universidade de Évora

⁵APFC – Associação de Produtores Florestais do Concelho de Coruche e Limitrofes



A cobrilha da cortiça (*Coroebus undatus*) é um coleóptero mediterrânico da família Buprestidae que vive parte do seu ciclo de vida em associação com a cortiça. No final da primavera, a fêmea deposita os ovos nas fendas da cortiça no sobreiro e, após a eclosão, a larva escava galerias à medida que se vai alimentando nas camadas mais interiores da cortiça junto ao entrecasco (Figura 1). Geralmente após duas primaveras, o adulto emerge para viver apenas cerca de dois meses. O ataque desta espécie, desvaloriza a qualidade da cortiça e dificulta o descortiçamento, provocando a quebra das pranchas e a produção de um maior número de bocados. O impacto da cobrilha é principalmente comercial, pela desvalorização do valor de mercado da cortiça, mas o maior risco de arranque do entrecasco é também relevante, porque a abertura de feridas na árvore aumenta o risco de outros problemas fitossanitários, que podem contribuir para a perda de vitalidade do montado. Estima-se que em Portugal, os ataques de cobrilha da cortiça correspondam a uma perda no valor de mercado da cortiça de cerca de 9M€/ano. No âmbito da operação 1.0.1 do PDR2020 – Grupos Operacionais e tendo por objetivo o conhecimento dos mecanismos que regulam a seleção das árvores, o desenvolvimento de métodos de gestão preventiva e de controlo dos níveis populacionais da cobrilha, em 2016 foi constituído um consórcio liderado pela UNAC – União

da Floresta Mediterrânica, com parceiros da investigação (INIAV – Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária, ISA – Instituto Superior de Agronomia e UE -Universidade de Évora), a indústria (Amorim Florestal) e proprietários florestais (Companhia das Lezírias, Herdade do Pinheiro, Luís Filipe Bual Falcão da Luz e Sociedade Agrícola Monte da Sé Lda.) tendo o projeto sido iniciado em 2018 e terminado no primeiro trimestre 2023.



Figura 1: Galerias no entrecasco do sobreiro provocadas pela cobrilha da cortiça (@Conceição Santos Silva)

Partindo de um vasto conjunto de amostragens da qualidade da cortiça realizadas previamente à extração e onde a incidência da cobrilha foi monitorizada durante 20 anos (2002 – 2022) em diferentes propriedades e sobreiros, era evidente que a cobrilha era o principal defeito presente, e com uma grande variabilidade interanual (figura 2).

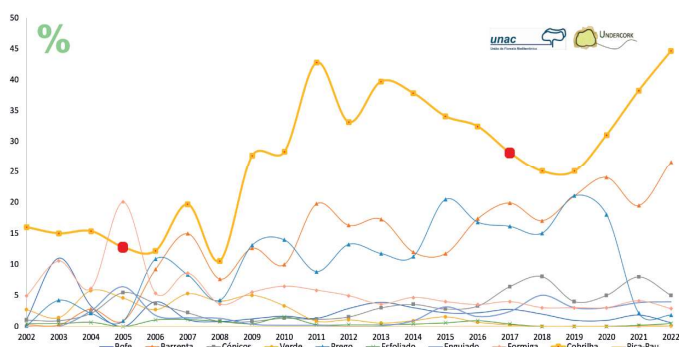


Figura 2: Distribuição percentual dos defeitos desvalorizadores do valor de mercado da cortiça, entre 2002 e 2022 (número de amostras com presença do defeito na totalidade das amostragens realizadas) (fonte: APFC). Os principais anos de seca extrema encontram-se assinalados sobre a curva evolutiva da cobrilha da cortiça (O).

Um dos primeiros resultados do projeto, foi a evidência do efeito das secas extremas sobre a dinâmica da população da cobrilha da cortiça. Nestes 20 anos, os episódios de seca meteorológica com maior severidade ocorreram em 2004/06, 2011/12, 2015, 2016/17 e 2022 de acordo com o IPMA. O mesmo instituto distinguiu as secas de 2004/06 e 2016/17 (assinaladas na figura 2) das restantes, correspondendo a primeira à seca mais intensa e de maior extensão territorial e a segunda a um padrão pouco comum de agravamento das condições de seca no início do outono. Em ambos os casos, estas secas extremas tiveram como efeito a inversão da tendência decrescente da intensidade da cobrilha.

Mecanismos que regulam a seleção das árvores

Apesar de existirem diferenças significativas entre os locais, a monitorização das extrações num conjunto de propriedades selecionadas pelos diferentes níveis de presença da cobrilha da cortiça permitiu concluir que as maiores intensidades de ataque tinham uma relação positiva com (Cabral, J. 2021):

- a altura de descortiçamento (árvores mais descortiçadas tinham maior intensidade de ataque),
- o Perímetro à altura do peito (medido a 1,30 m) (árvores maiores tinham maior intensidade de ataque).

Verificou-se ainda que a zona de maior incidência das galerias correspondia à seção do tronco compreendida entre as alturas de 50 a 100 cm e que o lado exposto a norte apresentava menores intensidades de ataque. A presença preferencial de cobrilha em amostras com cortiça de menor espessura, coloca a hipótese de que a menor espessura facilita a penetração das larvas neonatas até ao felogénio.

Métodos de gestão preventiva e de controlo dos níveis populacionais da cobrilha

Tal como já tinha sido explorado em 2012, o uso de armadilhas cromotrópicas testado em povoamentos com intensidades de ataque superiores a 90% revelou-se um fracasso sem qualquer captura. À data, não existem armadilhas, nem feromonas no mercado adequadas para a captura da cobrilha da cortiça.

Na mesma propriedade foram ainda estudados os dejetos de diversas espécies de aves insectívoras para identificação das que se alimentavam da cobrilha da cortiça, mas verificou-se apenas uma deteção.

Para o futuro próximo, fica a avaliação dos efeitos da aplicação na cortiça de produtos repelentes de origem natural. Este ensaio foi instalado em 2021 no âmbito do projeto, numa área de montado com extração prevista para 2027, pelo que os resultados serão obtidos numa fase pós-projeto.

Conclusões

Como principais conclusões salientamos que:

- As **alterações climáticas**, podem aumentar a suscetibilidade das árvores à cobrilha.
- O aumento da temperatura média anual pode acelerar o seu ciclo de vida, o que poderá incrementar as **dinâmicas populacionais de insetos**.
- O **modo de gestão do montado** pode influenciar o nível de infestação pela cobrilha. Os sobreiros localizados em povoamentos mistos de sobreiro e pinheiro apresentaram menores valores de intensidade de ataque do que em povoamentos puros.
- As **características das árvores**, dendrométricas, físicas da cortiça ou químicas, podem ser fatores considerados pelo inseto na fase de colonização do sobreiro.

Todos os resultados do projeto encontram-se compilados em fichas técnicas, guias e manuais disponíveis em www.unac.pt.

Bibliografia:

Câmara, J. 2021. Fatores de variabilidade da incidência de cobrilha da cortiça em *Quercus suber* L. Tese de mestrado em Engenharia Florestal e dos Recursos Naturais. Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa.

Cofinanciado por:

